



POLIONU

Várias ideias, um só mundo

Guia de estudos **OPAQ**



Poliedro
Colégio

Guia de Estudos OPAQ

Organização para a Proibição de Armas Químicas

“Ataques Químicos em Ghouta: consequências à população local e ao território”



POLIONU

Várias ideias, um só mundo



OPAQ

Henrique Moreira de Almeida

Maria Clara Santana Capistana de Lima

Maria Fernanda Magnani Marques

Sumário

CARTA AOS DELEGADOS	4
1. Introdução	5
1.1. Sobre o tema.....	5
1.2. Sobre o comitê.....	5
1.2.1. Convenção de Armas Químicas	6
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	7
2.1. Armas químicas	7
2.1.1. Exemplos históricos: gás cloro	8
2.1.2. Exemplos históricos: gás sarin.....	8
2.2. Convenção de Genebra	8
2.3. Localização geográfica	9
2.3.1. Outros aspectos geográficos	10
2.4. Governo Hafez al-Assad.....	10
2.4.1. Conflitos durante o governo Hafez	11
2.5. Governo Bashar al-Assad	11
2.6. Primavera Árabe.....	12
2.6.1. Primavera Árabe Síria	12
3. O CONFLITO	13
3.1. Guerra Civil e o estopim	14
3.2. Sequência de ataques (2013-2019).....	15
4. CONSEQUÊNCIAS	16
4.1. Danos à população.....	16
4.1.1. Questão dos refugiados	17
4.2. Inflação e Crise econômica.....	17
4.3. Danos ambientais.....	18
5. POSICIONAMENTOS INTERNACIONAIS	18
5.1. Estados Unidos da América.....	18
5.2. Federação Russa.....	19
5.3. República da Turquia	19
5.4. República Islâmica do Irã.....	20
5.5. República do Líbano.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	22

CARTA AOS DELEGADOS

Prezados senhores delegados e prezadas senhoras delegadas,

É com grande prazer que a mesa diretora da Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ) dá as boas-vindas à 18ª edição do PoliONU! Nesta edição, a primeira que conta com a participação da OPAQ, o comitê debaterá acerca desta problemática: “Ataques Químicos em Ghouta: consequências à população local e ao território”.

No decorrer da simulação, os senhores e as senhoras atuarão fundamentalmente representando países, empresas e ONGs essenciais tanto para o contexto abordado quanto para o cenário mundial. Sendo assim, a diplomacia, o decoro e o respeito para com a mesa diretora, os membros da organização, os demais delegados e os funcionários do Poliedro Colégio são indispensáveis e devem estar presentes durante todos os dias de evento, principalmente nos momentos em que acontecem as sessões.

Visando à melhor fluidez dos debates, de forma a ser acordada uma proposta de resolução concreta e coesa, é de extrema importância a leitura atenta do Guia de Estudos e do Guia de Regras. Entretanto, gostaríamos de lembrá-los que, durante os debates, o Guia de Estudos não será reconhecido pela Mesa Diretora, de forma que será inviável a citação deste como base argumentativa. Portanto, é essencial realizar uma pesquisa autônoma e aprofundada acerca do tema e da política externa adotada pelas delegações presentes no comitê, em especial daquela que os senhores e as senhoras estiverem representando.

Vale ressaltar que as informações levadas em consideração no decorrer do evento limitam-se a até um dia antes do início dos debates. Assim, almejando evitar imprevistos, a Mesa Diretora reconhecerá apenas aquilo que ocorreu anteriormente a essa data. Entretanto, dependendo da magnitude de um acontecimento contemporâneo ao PoliONU — que será avaliada pela Mesa Diretora —, existe a possibilidade de este ser reconhecido. Nessas circunstâncias, os senhores serão informados pelos diretores de tal reconhecimento.

Por fim, a Mesa Diretora da Organização para a Proibição de Armas Químicas gostaria de lembrá-los de que estamos, por meio do *e-mail* a seguir, disponíveis para sanar quaisquer dúvidas que os senhores delegados venham a ter. Não hesitem em nos procurar!

Esperamos ansiosamente pela presença de vocês e desejamos um ótimo e proveitoso PoliONU 2023 a todos!

Cordialmente,

Henrique Moreira de Almeida

Maria Clara Santana Capistana de Lima

Maria Fernanda Magnani Marques

E-mail para contato com a Mesa Diretora: mesa.opaq2023@gmail.com

1. Introdução

1.1. Sobre o tema

Os ataques químicos em Ghouta estimulam um debate importantíssimo acerca do uso de armas químicas de gás Sarin na região de Ghouta Oriental (em Damasco, no sul da Síria) a fim de reprimir violentamente os movimentos populares contra o governo ditatorial de Bashar al-Assad. Essa problemática remete a diversos outros eventos históricos, conferências das Nações Unidas e acordos internacionais. Além disso, o tema envolve diretamente um grande gama de países, não só do Oriente Médio como de outras regiões do planeta. Ainda, tal questão abrange um contexto histórico mais amplo, referente, principalmente, à guerra civil na Síria, com consequências nos âmbitos sociais, econômicos e ambientais.

Ademais, é importante ressaltar que, antes de estudar o embate entre nações que assola o território sírio, é preciso desconstruir a clássica ideia de polarização entre frentes combatentes. Cada país envolvido nessa disputa tem seus próprios interesses, de forma que se aliou ao bloco que mais favorece seus valores e intenções. Portanto, entender as relações como pró ou contra al-Assad é limitante e reduz os parâmetros dos debates, assim como diz Benigno em sua matéria disponível no portal Conteúdo Jurídico:

A definição básica de guerra como “duelo entre inimigos” não se aplica a todo conflito. Pode ser útil, por exemplo, para descrever a Guerra Fria entre Washington e Moscou desde o fim da Segunda Guerra Mundial até a queda da União Soviética, mas é inútil para iluminar a variedade de forças e interesses em jogo na Síria. (NOVO, 2018).

Tendo esses parâmetros em vista, podemos começar o aprofundamento necessário para nos familiarizarmos com o tema do comitê.

1.2. Sobre o comitê

Criada em 1997 e baseada na Convenção de Armas Químicas (CAQ) de 1993, a Organização para a Proibição das Armas Químicas (OPAQ) possui 193 Estados-membros e tem a missão de garantir que a CAQ seja implementada. O comitê foi desenvolvido almejando o fim do desenvolvimento, armazenamento e produção de armas químicas, com o intuito de evitar o ressurgimento dessa estratégia de destruição em massa e aspirando alcançar um mundo livre desse tipo de arsenal.

O trabalho da Organização é extenso e deve ser desenvolvido em co-operação, almejando alcançar resultados positivos e que propaguem o uso de substâncias químicas apenas para propósitos pacíficos. As cinco áreas de atuação da Organização são: aumentar o número de signatários da CAQ, mesmo que, até janeiro de 2023, apenas três Estados reconhecidos pela ONU não a tenham assinado — Coreia do Norte, Egito e Sudão do Sul; pesquisar e confirmar a destruição de armas químicas, o que é feito via inspeções e vistorias; monitorar a indústria química, visando a reduzir o risco do uso indevido de produtos químicos; dar assistência aos Estados-membros caso estes sejam atacados ou ameaçados por armas de destruição em massa, o que inclui, além de armas químicas, armas nucleares; promover

a cooperação multilateral para o uso pacífico de produtos químicos, em especial dos que não são proibidos pela CAQ.

Salienta-se que o comitê tem caráter recomendatório, de modo que todas as propostas de resolução da Organização podem ou não ser acatadas pelos Estados-membros. Por se tratar de um comitê não vinculante, a atuação da OPAQ enfrenta limitações em relação às medidas que a Organização pode ou não tomar contra países que infringem alguma resolução. Nesse caso, depois de discussões e debates, a aplicação de sanções econômicas e o rebaixamento de um Estado dentro do comitê são viáveis. Entretanto, caso haja uma violação extrema dos acordos da OPAQ por parte de um membro, mais reuniões são feitas e pode-se realizar um pedido de auxílio ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) — órgão este que é mandatário —, a fim de aplicar medidas punitivas a quem descumprir os tratados feitos pela Organização.

A OPAQ interveio nos depósitos de armamentos químicos da Síria em 2013, quando o país assinou a Convenção de Armas Químicas, e concordou em destruir todo o estoque que já possuía e parar completamente a produção, atos esses que seriam supervisionados pela organização.

Para mais informações sobre o comitê, acesse o site da Organização: <https://www.opcw.org>.

1.2.1. Convenção de Armas Químicas

A Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Armazenamento e Uso de Armas Químicas foi um acordo multilateral na luta pelo desarmamento global assinado em 13 de janeiro de 1993, depois de vinte anos de negociações e reuniões. A reunião foi realizada em Paris e contou com diversos Estados-membros que assinaram o documento prontamente, incluindo o Brasil.

Criada a fim de fortalecer e colocar em prática o Protocolo de Genebra de 1925, a Convenção estabelece um regime rígido de não proliferação de estabelecimentos produtores de armas químicas, sendo eles clandestinos ou não. Por essa razão, a articulação entre os países adota uma postura considerada por muitos “intrusiva”, tendo em vista que cobra dos Estados-membros declarações nacionais com dados sobre a produção industrial de compostos químicos, inspeções rotineiras em estabelecimentos relacionados à Convenção e inspeções a curto prazo para resolver contratempos no cumprimento dos tratados no território nacional.

Além de apresentar uma abordagem contra o uso de armamentos químicos para fins não pacíficos, esses tratados oferecem assistência e proteção aos países que foram atacados ou estão sob ameaça de sofrerem algum ataque químico externo. A Convenção também proporciona ajuda em forma de restrições no transporte de certas substâncias químicas entre países não signatários deste documento, pois, como não há controle sobre estes, não existe uma maneira de compreender a necessidade e como esses produtos serão usufruídos.

Entre os vários artigos da CAQ, destacam-se:

- **Artigo I**, que diz respeito às obrigações gerais. Esta cláusula exige ações que devem ser executadas pelos Estados que assinaram e ratificaram a Convenção, com o intuito de manter o cumprimento dela;
- **Artigo III**, acerca de declarações. Esse artigo requisita declarações de todas as nações que assinaram a Convenção sobre a situação do Estado signatário em relação às armas químicas, se possui em seu território, a quantidade, a localização, entre outros fatores;

- **Artigo IV**, sobre o armamento químico. O parágrafo em questão trata o que cada signatário deve fazer se possui esse tipo de arsenal e/ou alguma medida para destruí-lo. Em ambos os casos, uma verificação rotineira da Organização é necessária.

Para acessar a Convenção completa em português, acesse o site: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1999/decreto-2977-1-marco-1999-369112-anexo-i-pe.pdf>.



Assinatura da Convenção de Proibição das Armas Químicas. Imagem retirada da plataforma Researchgate, disponível em: https://www.researchgate.net/figure/The-Chemical-Weapons-Convention-CWC-opened-for-signature-on-13-January-1993-and-entered_fig1_263096555.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1. Armas químicas

Segundo Pâmela Morais, internacionalista graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina e escritora de textos informativos no portal *Politize!*, armas químicas são agentes químicos tóxicos em qualquer estado físico usados a fim de causar danos diretos e lesões permanentes em seres vivos. Esses artifícios trazem prejuízos a quem os inalar — modo mais comum de contato com esse tipo de arma —, absorver pela pele, ou ingerir. A magnitude desse tipo de armamento não é necessariamente ligada à explosão que este causa, e sim à capacidade da produção de reações nos organismos das vítimas, podendo ser fatais.

Ademais, o fator indiscriminado desses artifícios — ao lançá-los no ar são incontrolláveis e não discernem entre combatentes rivais e civis, havendo grande chance de atingi-los — caracteriza seu emprego como um ato inaceitável segundo o Direito Internacional Humanitário, especificamente segundo a Convenção de Genebra. Além da possibilidade de um número de mortes muito maior que o esperado, ou do que seria tolerável nos parâmetros de uma guerra, armas químicas causam sofrimento desnecessário e muito maior que o “aceitável” devido à forte capacidade de provocar asfixia, queimaduras na pele e uma morte dolorosa.

Por essas e outras razões, assim como armas biológicas e nucleares, armas químicas são consideradas pelas Nações Unidas como armas de destruição em massa, e por esse motivo foi elaborada a Convenção de Armas Químicas, em 1993, que proibia o desenvolvimento, a produção e a aquisição desse tipo de artifício.

2.1.1. Exemplos históricos: gás cloro

Sendo o primeiro produto formalmente considerado uma arma química, o gás cloro foi usado primeiramente em 1915, na Primeira Guerra Mundial — considerada a primeira guerra química moderna — mas ainda é utilizado até os dias de hoje (janeiro de 2023). Durante a Grande Guerra, em Ypres, na Bélgica, as tropas alemãs depositaram cloro gasoso em um canal, o de Yser e Poelcapelle. O gás deslocou-se com o vento, causando a morte e a fuga das tropas francesas nas trincheiras, que recuariam cerca de nove quilômetros.

Sendo duas vezes mais denso que o ar — o que pode ser perigoso caso haja um ataque em um vale ou em uma zona rebaixada — o gás cloro pode ser ingerido via alimentos contaminados ou pela respiração, implicando danos ao sistema pulmonar das vítimas.

2.1.2. Exemplos históricos: gás sarin

Em 20 de março de 1995, como noticiado pelo portal de informações *Britannica*, 12 pessoas foram mortas e milhares foram feridas por conta de um ataque terrorista nos metrô de Tóquio, capital do Japão. Ao abrir um pacote contendo sarin, a substância evaporou lentamente e contaminou todos que entravam ou saíam do meio de transporte.

Criado supostamente de forma acidental em 1938 por cientistas alemães, o gás sarin atua como agente nervoso, o que significa que ele interfere na forma com que os sinais são transmitidos entre nervos e células nervosas ou músculos. Podendo ser absorvido pela pele e pelas mucosas, via inalação, ou por alimentos e água contaminada, o contato com esse gás pode afetar a maneira pela qual os músculos do corpo contraem ou relaxam, podendo afetar os músculos que colaboram na respiração, causando asfixia e — possivelmente — a morte.

2.2. Convenção de Genebra

A Convenção de Genebra e os protocolos criados a partir dela são tratados internacionais vigentes até os dias de hoje e ratificados por 194 países. A Convenção tem como objetivo definir leis e regras e estabelecer direitos e deveres relativos a conflitos armados, internacionais ou não-internacionais, às nações signatárias.

Iniciada em 1864 e concluída em 1949, a Convenção de Genebra é composta de quatro convenções internacionais, ocorridas ao longo de década-das (1864, 1906, 1929 e 1949). Os acordos resultaram de discussões sobre questões relacionadas às guerras, como problemas sanitários, tratamento de feridos e enfermos, conflitos marítimos, direitos dos prisioneiros de guerra, situação dos civis e outros tópicos que abrangem o direito humanitário durante conflitos.

Sobre os artigos promulgados nos Protocolos de Genebra é importante destacar o artigo 3º, presente nos tratados das quatro convenções, que trata especificamente dos conflitos de natureza não internacional, como as guerras civis ou conflitos internos que envolvem ou têm intervenção direta de outros Estados. Esse artigo estabelece regras e formalidades de acordo com as quais soldados e, principalmente, civis devem ser tratados, além de tornar obrigatório o tratamento de enfermos, náufragos e feridos, e a permissão de amplo acesso ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para que esta instituição ofereça seus serviços.

Posteriormente, de 1974 a 1977, foram realizadas outras convenções que introduziram dois protocolos adicionais aos originais e que visavam, principalmente, a fortalecer os artigos acordados previamente no âmbito internacional e não internacional: Protocolo Adicional I e II, respectivamente¹.

2.3. Localização geográfica

O conflito abordado passa-se na Síria, cuja capital é Damasco. O país está localizado no Oriente Médio, na porção sudoeste do continente asiático. O território sírio faz fronteira com a Turquia, ao norte, com o Iraque, na porção leste, a Jordânia, ao sul, Líbano e Israel, na região sudoeste, e ainda é banhado pelo Mar Mediterrâneo em um pequeno litoral a oeste.



Mapa do Oriente Médio e localização da Síria. Imagem retirada de: EducaBras. Disponível em: www.educabras.com/media/emtudo_img/upload/_img/20110413_125343.gif. Acesso em: 13 jan. 2023.

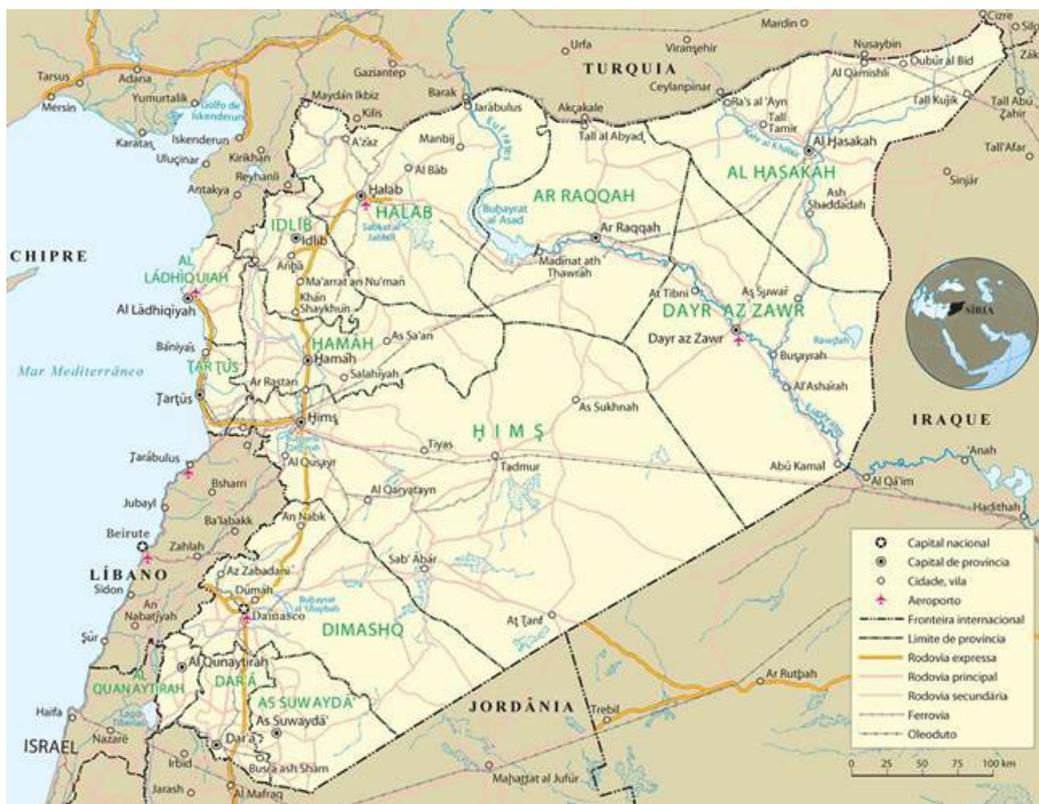
A região de Ghouta Oriental consiste na porção leste de Ghouta (cinturão agrícola nos subúrbios de Damasco) que durante a guerra havia sido controlada pela Oposição Síria (forças contrárias ao Governo de Bashar al-Assad) e, por isso, se tornou alvo de diversos ataques de armas químicas — como o de 2013, com gás sarin — na tentativa de atingir os opositores.

¹Protocolo Adicional I, disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Protocolo Adicional II, disponível em: <https://ihl-databases.icrc.org/en/ihl-treaties/gci-1949/article-3>. Acesso em: 22 jan. 2023.

2.3.1. Outros aspectos geográficos

Dividida em 14 províncias, com uma extensão de 185.180 km² e uma população de 17.501.000 habitantes, a República Árabe Síria tem densidade demográfica de 95,3 hab./km², sendo que a população se concentra principalmente no litoral Mediterrâneo e nas grandes cidades localizadas no decorrer dos rios Eufrates, Tigre e Orontes, que atravessam o território. Na região, predominam os climas mediterrâneo e árido e o relevo é marcado pelas planícies costeiras e central, divididas por duas cordilheiras montanhosas ao oeste. No interior do país, há o vasto deserto sírio, marcado também por planícies, colinas e montanhas. Distribuídas pelo país, a Síria é detentora de reservas naturais de petróleo, fosfato, mármore, manganês e minério de ferro.



Síria e suas subdivisões. Imagem retirada de: Guia Geográfico. Disponível em: <http://www.guiageo.com/asia/siria.htm>. Acesso em: 20 jan. de 2023.

2.4. Governo Hafez al-Assad

Em meados de 1970, representando o partido Baath, Hafez al-Assad assumiu o poder da Síria numa ascensão baseada em um golpe sem derramamento de sangue. Eleito presidente em 1971, Hafez iniciou seu mandato fortalecendo o exército sírio com a ajuda soviética e estrategicamente conquistando a lealdade do povo através de obras públicas. Em questões externas, Assad pretendia colocar a Síria como líder do mundo árabe e pode-se afirmar que a ambição em manter influência territorial no que foi a Grande Síria movimentou rigorosamente suas decisões. Por esse motivo, o país participou direta e ativamente de diversos conflitos sob sua autoridade, sendo a luta pelo fim das ocupações israelenses uma pauta constante durante anos. Ademais, o político cultivou também uma inimizade com Saddam Hussein, líder iraquiano, devido a sua rivalidade com a ala iraquiana do partido Baath.

Hafez al-Assad governou autoritariamente até sua morte, em 2000, ano em que Bashar al-Assad, seu filho, o sucedeu no posto. Bashar, por sua vez, ocupa a presidência da Síria até o presente momento (janeiro de 2023).

2.4.1. Conflitos durante o governo Hafez

Enquanto esteve no comando, Hafez al-Assad se envolveu em diversos conflitos dentro e fora de seu território, sendo estes os mais importantes para o entendimento do contexto do tema abordado no comitê:

- **A Guerra do Yom Kippur (1973):** o conflito surgiu a partir da aliança Síria-Egito e se baseou em um ataque surpresa a Israel. O principal fator que levou à Guerra do Yom Kippur foi a anexação de territórios sírios e egípcios por Israel durante a Guerra dos Seis Dias (1967). Os territórios em questão eram a Península do Sinai, parte do Canal de Suez, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e as Colinas de Golã;
- **A Guerra Civil do Líbano (1975):** as causas dessa guerra foram multifacetadas e estão profundamente enraizadas, entretanto, podem ser explicadas como uma crise crescente de insegurança. A partir de 1976, um ano após o início da guerra, a Síria passa a se envolver diretamente no conflito, enviando uma intervenção em larga escala para corrigir um emergente desequilíbrio de poder;

Além dessas menções, Hafez al-Assad também apoiou o Irã em sua guerra contra o Iraque (1980-88) e, sem hesitar, juntou-se à aliança liderada pelos Estados Unidos contra o Iraque na Guerra do Golfo Pérsico de 1990-91, cooperação esta que resultou em relações mais cordiais com os governos ocidentais que anteriormente se opunham ao seu patrocínio ao terrorismo. Apesar de sua participação no ataque a Israel em 1973, Hafez al-Assad tentou estabelecer relações pacíficas com o país por volta da década de 1990, com o intuito de recuperar parte do território perdido na Guerra dos Seis Dias. Mesmo assim, as negociações sobre o status das Colinas de Golã permanecem estagnadas até o momento (janeiro de 2023).

2.5. Governo Bashar al-Assad

O governo sírio é comandado pelo ditador Bashar al-Assad há mais de 20 anos; ele ascendeu ao poder depois do governo de seu pai, Hafez al-Assad. Médico formado pela universidade de Damasco e que atuava como oftalmologista, Bashar al-Assad era o segundo filho de Hafez e, portanto, não era o sucessor direto dele até o falecimento de seu irmão, Bassel, que sofreu um acidente de carro.

Ao entrar no poder, as propostas iniciais de al-Assad eram reformistas e propunham o fim da corrupção e a modernização da economia nacional. Depois de trinta anos de proibição, jornais independentes — que muitas vezes pediam por reformas no território — voltaram a ser permitidos, e centenas de presos políticos foram liberados. Até reuniões políticas entre reformistas e órgãos do governo eram feitas. Mas essa “Primavera de Damasco”, como o período ficou conhecido, não durou muito. Já em 2001, essas reuniões diminuíram em quantidade até não acontecerem mais; opositores foram presos novamente, e a imprensa voltou a ser controlada.

A transição entre os governos, de pai para filho, não teve muitos problemas e pode ser considerada

“fluida”. Inicialmente, o filho contava com conselheiros revolucionários que controlavam as organizações que regem o Estado sírio há décadas. Lenta e progressivamente, o novo presidente afastou esses líderes, de modo a constituir seu novo grupo de conselheiros.

Acerca das questões econômicas, Bashar al-Assad manteve suas ideias reformistas e transformou a economia da Síria significativamente. Um dos planos do presidente era adotar o neoliberalismo e a privatização de empresas estatais.

A política externa adotada por Bashar al-Assad não difere muito da do pai, mantendo os mesmos aliados e inimigos. Entretanto, acontecimentos globais podem ter fragilizado essas relações. A interação entre Síria e Israel se manteve hostil de ambos os lados. De acordo com o presidente sírio, não haverá paz entre os países até que Israel devolva suas terras, sobretudo as Colinas de Golã. O relacionamento com o Líbano se manteve forte, mas foi parcialmente comprometido com a retirada das tropas sírias do território libanês — que estavam lá desde 1975, no início da Guerra Civil Libanesa —, o que significava um controle menor sobre o país, visto que a Síria estava interferindo em serviços governamentais libaneses, principalmente nos militares.

2.6. Primavera Árabe

A “Primavera Árabe” foi o nome atribuído à série de revoluções populares em diversos países da África e do Oriente Médio que tiveram início em 17 de dezembro de 2010, na Tunísia. Nessa data, o jovem Mohammad Bouazizi ateou fogo a si mesmo, como um ato de revolta contra o regime autoritário vigente em seu país: a ditadura de Zine El Abidine Ben Ali.

A atitude de Bouazizi desencadeou diversos protestos, levando o governante tunisiano a renunciar. Diante desse episódio, populações de nações árabes — como Egito, Líbia, Bahrein e Síria —, majoritariamente motivadas por crises econômicas, altas taxas de desemprego e regimes autoritários, realizaram também revoluções similares em uma tentativa de mudar a situação em seus países. Além de terem envolvimento popular, os movimentos na Líbia tiveram intervenção direta da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), permitida pela ONU.

Nem todos os movimentos populares da Primavera Árabe foram bem-sucedidos, no entanto. As consequências dos levantes não foram as esperadas, tendo em vista que na maioria dos casos não houve uma melhora significativa na situação econômica ou política. Na Tunísia, a crise econômica e problemas internos se perpetuaram e, no Egito, o governo foi substituído por outro regime autoritário. Em outra nação que vivenciou a Primavera Árabe, a população líbia está dividida. Na Síria, o conflito ocorre até os dias de hoje (janeiro de 2023) e a Guerra Civil lá instaurada tomou proporções internacionais.

2.6.1. Primavera Árabe Síria

Os movimentos populares que se alastraram por diversos países árabes eventualmente atingiram a Síria. Em uma entrevista para o *The Wall Street Journal* no início de 2011, Bashar al-Assad foi questionado em relação às emergentes revoltas árabes e se elas viriam a atingir a nação Síria. O presidente sírio respondeu que, apesar dos recentes problemas econômicos e da lenta reforma política, seu país não seria envolvido na Primavera Árabe devido a seu posicionamento contrário à influência ocidental que era alinhada com os desejos da população.

Tendo início em 2011, poucas semanas após a entrevista de Bashar al-Assad, a Primavera Árabe Síria

iniciou-se de forma pacífica, partindo de rebeliões sociais sem uso de armamentos contra o governo vigente e exigindo mudanças nas situações econômicas, políticas e sociais em um governo autoritário e com ideais religiosos divergentes da maioria da população — sendo Bashar al-Assad alauíta em uma nação majoritariamente sunita — e nas situações econômicas sírias estressantes para a população. Entretanto, essas mobilizações populares de cunho pacífico foram desde cedo reprimidas de maneira brutal pelo regime de al-Assad, culminando na equiparação de forças pelo lado dos rebeldes na tentativa de obter sucesso contra o governo e, eventualmente, na Guerra Civil Síria.

3. O CONFLITO

A maior parte do contexto dos ataques químicos ocorridos em Ghouta se refere à Guerra Civil Síria e, por esse motivo, este conflito precisa ser compreendido para o bom funcionamento dos debates propostos pelo comitê. Assim, esta seção tem por objetivo introduzir, explicar e contextualizar o conflito até o momento em que foram utilizadas armas químicas como ferramenta de intervenção entre as frentes combatentes, principal tema desta discussão.

Em março de 2011, após 11 anos no poder, o governo liderado por Bashar al-Assad passou a enfrentar manifestações que desafiavam seu controle sobre o país, resultado de uma grande insatisfação popular com seus mandatos. A princípio, o político mantinha uma reputação de “reformador” e “modernizador”, características essas que levantaram esperanças quanto ao seu governo e o puseram nessa posição. Entretanto, pouco tempo após sua posse, o então presidente sírio retomou medidas autoritárias já observadas durante o comando de seu pai, entre as quais estão censura e vigilância generalizada, além de violência brutal contra opositores do regime. Esse retorno de traços do regime de Hafez não agradou boa parte da população e trouxe discordâncias, em um país que já trilhava o caminho da instabilidade devido a problemas de longa data de cunho político e econômico.

O início dos protestos — influenciados diretamente pelos movimentos revolucionários que estouravam em outros países da região — mostrou que a situação na Síria era muito pior do que o divulgado e alcançava um marco precário no que diz respeito à satisfação popular. Outro fator de descontentamento que também desempenhou um papel na revolta foi a crise ambiental vivida entre 2006 e 2010, momento em que a Síria experimentou a pior seca da história moderna do país. Durante esse período, milhares de famílias agricultoras foram reduzidas à pobreza e, conseqüentemente, uma migração em massa da população rural para as favelas urbanas sucedeu-se. Tão grande a frustração do povo com tais antecedentes, os cidadãos saíram para as ruas em protestos pacíficos, almejando o sucesso alcançado em países vizinhos. As forças de segurança, por sua vez, responderam duramente aos atos anti-governamentais, prendendo e torturando um grupo de crianças que havia pichado frases de protesto antigovernamental. A população local enfureceu-se com a situação e voltou às ruas pedindo por reformas; a polícia reagiu com apreensões em massa e, em alguns casos, atirando contra os manifestantes.

A abordagem violenta do regime trouxe visibilidade e impulso à causa, de forma que, em questão de semanas, protestos não violentos começaram a eclodir em inúmeras cidades de todo o país. Conforme os protestos aumentavam em força e tamanho, aumentava também a força de intervenção das autoridades sírias, que mantinham uma repressão brutal e uma censura firme. Em resposta, alguns manifestantes começaram a pegar em armas e a formar grupos para lutar contra o autoritarismo.

Ainda em 2011, países próximos e potências mundiais começaram a tomar partido no conflito, se dividindo em grupos pró e contra Assad. As críticas vinham principalmente dos Estados Unidos e da

União Europeia, de forma que Barack Obama, presidente dos EUA na época, e governantes europeus chegaram a pedir a Bashar al-Assad que renunciasse. Foi no último semestre de 2011 que um bloco composto por Catar, Turquia e Arábia Saudita se formou em oposição a al-Assad. Irã e Rússia, antigos aliados da Síria, por sua vez, mantiveram-se apoiando o país. Ademais, uma decisão que determinou a prolongação e a divisão global do conflito foi o veto lançado pela Rússia junto da China, bloqueando, assim, a Resolução do Conselho de Segurança da ONU que condenava a repressão de Bashar al-Assad.



Mulher e criança andando de mãos dadas pelos escombros da cidade, que foram gerados a partir do início da guerra civil na Síria. Imagem retirada de Bloomberg, disponível em: <https://www.bloomberg.com/quicktake/syrias-civil-war>. Acesso em: 29 jan. 2023.

3.1. Guerra Civil e o estopim

Embora seja difícil demarcar com precisão o momento em que os protestos reprimidos se tornaram uma rebelião militarizada, foi por volta de setembro de 2011 que confrontos armados ganharam frequência crescente e milícias rebeldes passaram a atuar regularmente em combates contra tropas do governo. O Exército Sírio Livre tomou posse do cargo de liderança da oposição armada que lutava na Síria, mas sua autoridade não era amplamente reconhecida pelas milícias locais.

Entre o final de 2011 e o início de 2012, houve uma série de tentativas malfadadas de organizações internacionais e países de todo o mundo de acabar com a guerra. Em novembro, a Síria concordou com uma iniciativa proposta pela Liga Árabe que consistia em retirar tanques e veículos blindados de cidades atacadas, cessar a violência e o aprisionamento de rebeldes e de cooperar com uma delegação de monitores da Liga, que seria responsável pela supervisão desses processos. Contudo, essa missão perdeu a credibilidade, pois logo constatou-se que não haviam sido enviados monitores e equipamentos suficientes, além de que o governo sírio apresentou cenários encenados e restringiu propositalmente seus movimentos. Em razão da segurança dos enviados pela Liga, a missão se encerrou no dia 28 de janeiro.

Uma segunda tentativa de firmar um acordo surgiu. Desta vez, ele seria mediado pelo ex-secretário geral da ONU, patrocinado pela ONU junto da Liga Árabe, e geraria um curto cessar fogo parcial em abril de 2012. Entretanto, a violência logo recomeçou e, dessa vez, em níveis maiores até mesmo do que os registrados antes dessa intervenção. Sendo assim, a equipe da ONU precisou ser retirada do local por motivos de segurança, assim como os enviados em 2011.

O ano de 2012 viu uma série de sucessos táticos para os rebeldes. Ao norte e ao leste, tropas do governo foram obrigadas a se retirar, permitindo que os grupos revoltosos tomassem controle de um território significativo pela primeira vez. Em julho, atacaram Aleppo — a maior cidade da Síria — e lá estabeleceram um ponto de apoio na região oriental da cidade. No início de 2013, todavia, a situação militar parecia estar chegando ao impasse de poderes. Os combatentes rebeldes mantiveram firmemente sua influência no Norte, mas foram contidos em especial por deficiência de armamentos, equipamentos e organização. As forças governamentais, por sua vez, se viam enfraquecidas em razão das deserções, de maneira que eram incapazes de obter grandes ganhos. Os combates se mantinham em áreas contestadas, elevando cada vez mais o número de civis mortos.

Sem um resultado iminente em perspectiva, os aliados internacionais de cada grupo conflitante passaram a intensificar seu apoio. Todos os lados receberam financiamento de armamentos e soldados, fator que fomentou ainda mais o conflito.

3.2. Sequência de ataques (2013-2019)

Em meio a essa disputa entre poderes igualmente enfraquecidos, foram encontradas evidências de ataques com armas químicas — identificadas como bombas de gás sarin — nos subúrbios de Damasco, em agosto de 2013. O bombardeio resultou em centenas de mortes e uma apelação para uma ação militar internacional na Síria. A oposição Síria alegou que as forças aliadas de al-Assad foram responsáveis pelo ataque. Estas, por sua vez, negaram envolvimento com o uso de armas químicas e afirmaram que, se esse arsenal foi de fato utilizado, então teria sido pelas forças rebeldes.

Vídeos amadores gravados no local atingido denunciam vítimas — entre elas várias crianças — que sofriam de problemas respiratórios e convulsões. Outras gravações mostram, ainda, um grande número de adultos e crianças mortos sem sinais de ferimentos, característica marcante do envenenamento através de vias respiratórias.

Enquanto inspetores da ONU coletavam evidências, líderes americanos, franceses e britânicos declararam estarem considerando ataques de retaliação contra o regime de Bashar al-Assad. Rússia, China e Irã se manifestaram contra a ação militar e al-Assad prometeu que lutaria contra o que descreveu como agressão ocidental.

Não há um número específico e padronizado para a quantidade de ataques químicos à qual o território sírio foi submetido durante a Guerra Civil. Apesar disso, instituições como a organização Humans Right Watch e o portal de informações British Broadcasting Corporation (BBC) estimam que entre 2013 e 2019 aconteceram mais de 85 ataques químicos em território sírio, sendo a maioria deles realizados por aeronaves. A partir dessa informação, ressalta-se que os ataques apresentaram algumas características diferentes entre si: o tipo de substância identificada, se foram executados de maneira aérea ou terrestre, qual foi o principal foco dos bombardeios, entre outros fatores. No entanto, eles mantêm em comum o alto potencial destrutivo, a garantia de uma grande devastação no local atingido e uma vantagem desumana a favor da organização (ou Estado) que o utilizou.

4. CONSEQUÊNCIAS

4.1. Danos à população

Participando de uma guerra civil por mais de dez anos, é de se imaginar o quanto a população síria sofreu com ataques e retaliações, tanto do governo quanto de outros agentes, como os Estados Unidos, a Turquia, a Rússia e o Estado Islâmico. Sendo um dos únicos territórios que não está sob o controle do governo, a região de Ghouta Oriental sofre ainda mais com os efeitos desse conflito tão duradouro.

Em 2018, o portal alemão Deutsche Welle fez uma reportagem sobre como Ghouta Oriental estaria depois de sete anos de guerra com vídeos enviados por Hassan Abdul Aziz, um habitante da região. A matéria exhibe como uma cidade fica destruída depois de anos de bombardeios e combates. Imagens de antigas moradias em destroços; uma criança precisando vender insumos a fim de arrecadar dinheiro para a família e não indo à escola, visto que ela não existe mais; um idoso precisando vender seus pratos para comprar um pão e conseguir se alimentar; uma rotina interrompida constantemente por causa de bombardeios. Todas essas situações são exibidas na reportagem do veículo midiático e representam as péssimas condições de vida em que os moradores desta área da Síria vivem, que não são muito diferentes do resto do país.



Pessoas andando pelas cidades destruídas na Síria. Foto retirada de International Business Times, acesso pelo link: <https://www.ibtimes.sg/new-attacks-syrias-eastern-ghouta-after-unsc-resolution-24770>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Os três primeiros maiores ataques, realizados em 2013, ressaltam a crueldade que o uso de armamentos químicos poderia causar. De todas as mortes diretas — ou seja, daquelas pessoas que morreram pelos ataques em si, e não por acontecimentos decorrentes destes — sofridas nas ofensivas feitas por agentes químicos, 13,5% representavam mortes de crianças segundo o centro de pesquisas Biomed Central (BMC). Essas estatísticas se tornaram ainda mais tenebrosas, com cerca de 21% das vítimas diretas sendo infantes nos ataques em Hama (2016) e, em outra ocasião, 34,8% no ataque de Khan Shaikhoun (2017), conforme dados do BMC. A República da Síria estava em uma situação de emergência tão intensa que, de acordo com o portal Statista, em 2014 — ano com o maior número de ataques químicos em território sírio — a expectativa de vida dos habitantes caiu para 68 anos para as mulheres, e 58 para os homens .

De todas as vítimas de mortes diretas por ataques químicos entre abril de 2017 e de 2018, cerca de 97,6% delas eram civis, segundo o Biomed Central. Esta estatística demonstra uma violação do Direito Internacional Humanitário, pois evidencia o uso de armamentos deliberadamente contra não combatentes. Uma amostra desse descumprimento de leis globais foi a liberação de relatórios da OPAQ que concluíram, por meio de um dispositivo fiscalizador de armas químicas, que o ataque químico de Douma, em Ghouta Oriental, em 2018, teve autoria do Estado sírio. Nesse ataque, as forças ofensivas dispararam dois cilindros contendo gás cloro concentrado de um helicóptero contra dois prédios residenciais, matando 43 pessoas.

4.1.1. Questão dos refugiados

Sendo a maior crise humanitária do século XXI, atualmente os sírios são a maior população refugiada do mundo. Milhões de habitantes saíram do país a fim de procurar melhores condições de vida ou apenas uma proteção contra ataques e bombardeios. As consequências dessa saída tão brusca do território foram drásticas, e afetaram bastante os países vizinhos, sobretudo Turquia, Líbano e Jordânia, que mais acolheram refugiados sírios.

De acordo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), órgão responsável pela situação dos refugiados da ONU, cerca de 6,6 milhões de sírios deixaram seu país de origem. Aproximadamente 84,4% desses indivíduos foram para países fronteiriços da Síria, o que corresponde a cerca de 5,6 milhões de imigrantes, com apenas 5% vivendo em campos para refugiados. A problemática dessa imigração tão densa surge ao considerar a qualidade de vida desses imigrantes nos novos países e a crise pela qual estes passam. O Líbano, por exemplo, passa por uma crise gravíssima, e, com a maior população de refugiados per capita, não oferece um padrão de vida digno aos moradores do país. Segundo estimativas do ACNUR, em 2021, no auge da pandemia, nove em cada dez refugiados no Líbano viviam em extrema pobreza.

Na Jordânia, a situação não é melhor. Desde antes da pandemia, quatro em cada cinco refugiados sírios viviam abaixo da linha de pobreza nacional, com cerca de US\$ 3 ao dia. Uma necessidade crescente de refugiados — sírios ou não —, contudo, tem sido amparada com um financiamento limitado em grande parte devido ao “cansaço dos doadores”, visto que a crise síria tem continuado e não há um fim à vista. Essa “fadiga” contribui para a diminuição de iniciativas voltadas a grupos de imigrantes, além do abandono de projetos já iniciados, explicam os dados do Alto Comissariado.

4.2. Inflação e Crise econômica

Diante da grave situação em que a Síria se encontra, com mais de dez anos de conflitos incessantes, a situação econômica no país é alarmante. Estima-se que o custo econômico da Guerra Civil Síria — incluindo o valor perdido no decréscimo do Produto Interno Bruto (PIB) do país — ultrapassará o montante de US\$1 trilhão, de acordo com The Heritage Foundation. Milhares de refugiados e vários estabelecimentos destruídos levaram a um aumento incontrolável do desemprego, que atinge atualmente valores próximos a 10,6% da população restante do país. Além disso, quase dois milhões de sírios acomodam-se em tendas ou abrigos por falta de moradia e doze milhões não conseguem alimentar-se decentemente.

O PIB da Síria caiu de US\$ 252,50 bilhões para US\$ 11,08 bilhões, desde o início da Guerra Civil Síria,

em 2010, até 2020, segundo o Banco Mundial. A Síria está vivenciando uma situação econômica em que o valor de sua moeda não para de declinar e, simultaneamente, os preços de produtos básicos e alimentos aumentam de maneira desenfreada. A cotação da Libra Síria varia entre pouco mais de R\$ 0,002 e quase US\$ 0,0004 atualmente. A taxa de inflação anual síria está em torno de 300 ou 400%, conforme o pesquisador econômico Zaki Mahshi.

Além de sua economia interna estar desestabilizada, a Síria apresenta problemas no âmbito externo também, visto que, devido ao conflito, em que adquiriu vários opositores, foram impostas sanções econômicas ao país. Além dessas punições, é preciso considerar o efeito das mudanças climáticas, da pandemia, da crise nos países vizinhos e de outros conflitos internacionais, como a guerra na Ucrânia.

4.3. Danos ambientais

O conflito da Guerra Civil Síria resultou em grandes impactos nas áreas sociais e econômicas, mas não apenas nesses âmbitos, tendo em vista a grande destruição ambiental decorrente. Antes do início da guerra, os problemas ambientais e a negligência do governo na sua resolução já eram problemáticas. Estas questões incentivaram a eclosão do combate, seja pela má gestão dos recursos naturais seja pelas secas duradouras e a escassez de água que impactam a vida dos cidadãos sírios e os setores agrícolas, correspondentes a 25% do PIB do país, como observado pela economista Roba Gaafar. Portanto, pode-se perceber que os impactos ambientais são uma das diversas barreiras que dificultam o desfecho do conflito.

No decorrer da guerra, as questões ambientais, que já geravam descontentamento na população, foram intensificadas pela destruição e pelo uso de armas químicas. Petrolíferas e refinarias de petróleo foram destruídas, resultando no vazamento do combustível e na contaminação da região; houve aumento significativo da poluição do ar, levando ao crescimento no número de mortes e doenças causados pela poluição aérea, cujos maiores poluentes são materiais particulados, CO₂, e gases químicos; ocorreu também diminuição do acesso à água potável, recurso já escasso e reduzido ainda mais com as secas, e contaminações dos recursos hídricos. Como resultado, a população se moveu em massa para os subúrbios.

Além dos impactos diretos que esses problemas causam, o desmatamento e a destruição das florestas e matas nativas também foi intensificado, seja por consequência da poluição do ar e da água, das queimadas florestais, do comércio ilegal de madeira, dos bombardeios — que também levam à intensificação da erosão e, conseqüentemente, das tempestades de areia —; ou da extração madeireira como fonte de aquecimento e abrigo.

5. POSICIONAMENTOS INTERNACIONAIS

5.1. Estados Unidos da América

Os Estados Unidos da América, como são reconhecidos oficialmente, estão diretamente envolvidos no conflito sírio e vêm atuando nele desde seu início. As relações políticas entre os Estados Unidos e a Síria datam desde 1944, com o Estado americano apoiando a independência oficial síria. Esta relação é historicamente marcada por vários rompimentos e reestabelecimentos nas relações pacíficas entre

os dois Estados, como em 1967, quando a Síria rompeu a diplomacia entre os dois devido à Guerra dos Seis Dias, mas as reatou em 1974.

Em 2011, quando o conflito eclodiu, os EUA emitiram diversas ordens executivas para iniciar sua atuação, seguindo a premissa de responder contra a violência contínua e o abuso aos direitos humanos na Síria, ao lado da ideia de atuar contra os grupos terroristas que lá estavam ou seriam instalados e sua influência. Sua assistência humanitária à população síria vulnerável consiste em investimentos em setores fundamentais, como educação e saúde. Em 2021, o montante direcionado à Síria acumulou US\$ 12,2 bilhões, segundo o próprio governo estadunidense, que agiu contra a influência de grupos extremistas e ofereceu apoio não letal ao Exército Livre Sírio e à Polícia Síria Livre.

Além de prestar assistência humanitária, os Estados Unidos da América também implementaram diversas sanções econômicas ao país árabe e intervieram militarmente — como em abril de 2017, quando mísseis americanos foram disparados contra bases aéreas sírias em Al Shayrat — intensificando ainda mais o conflito e a polarização dos países envolvidos.

5.2. Federação Russa

A Federação Russa envolveu-se no conflito, tornando-se uma grande aliada da Síria na Guerra Civil. As relações entre esses dois países datam de 1950 e foram fortalecidas principalmente a partir de 1960, com a tomada do partido Baath e a aproximação com a antiga União Soviética. Com grandes interesses dos dois lados, o governo russo e a Síria mantiveram sua parceria com trocas de recursos, poderio militar, tecnologia, entre outros aspectos. A Federação Russa posiciona-se favorável ao governo de Bashar al-Assad, apoiando-o na declaração de inocência relativa aos ataques químicos, e afirmando posição contrária ao envolvimento internacional no conflito, na defesa de que a guerra civil deve ser solucionada politicamente entre os sírios. Não obstante, o Estado russo permanece ativo nesta guerra.

A Federação Russa atua prestando ajuda humanitária à população síria, construindo zonas seguras no território, e prestando assistência política e diplomática ao governo sírio, servindo como mediador em negociações sírias. Ademais, o governo russo age militarmente com permissão do país, seguindo a premissa de combater as forças de grupos extremistas, porém simultaneamente contribuindo com o exército sírio para o controle territorial.

Além de atuar diretamente no conflito, a Rússia também presta assistência à Síria nos comitês das Nações Unidas. Os políticos russos já chegaram a vetar diversos projetos de atuação internacional no conflito, mas também atuaram como intermediários entre as relações da Síria com a OPAQ quanto à presença de armamentos químicos em solo sírio.

5.3. República da Turquia

As relações entre a República Árabe da Síria e a da Turquia datam de bastante tempo e nunca foram amigáveis. Os dois países têm contratempos e desavenças entre si desde o surgimento dessas nações modernas, quando do fim da Primeira Guerra Mundial e da queda do Império Turco-Otomano.

Além de um conflito acerca da posse da província de Hatay — no território sírio, regido pela França até 1938 — os dois Estados tiveram confrontos acerca do uso e da distribuição de água do rio Eufrates. Este rio tem nascente na Turquia, e, ao longo de seu curso, há diversas barragens construídas por

turcos que impactam negativamente a economia síria e causam prejuízos na agricultura. Esse conflito não foi encerrado em sua totalidade, principalmente por causa da criação do projeto do Sudeste da Anatólia (GAP Project), na década de 1990, que pode comprometer o fornecimento de água da Síria e do Iraque com a construção de 22 barragens e 19 hidrelétricas espalhadas pelo curso de água.

O vínculo entre Síria e Turquia já era instável pelo compartilhamento dos rios da região, mas fragilizou-se ainda mais na década de 1980, quando o governante sírio Hafez al-Assad — pai de Bashar al-Assad, presidente da Síria no início de 2023 — declarou apoio político e militar ao Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), considerado uma organização terrorista pelo Estado turco.

Almejando solucionar as desavenças entre as potências, com mediação de delegações do Egito e do Irã, estes Estados celebraram um dispositivo a fim evitar a escalada das tensões: o Acordo de Adana. Esse protocolo oficializa o fim do apoio ao PKK por parte do governo sírio, e prevê a declaração deste grupo como terrorista e a expulsão do líder do partido, Abdullah Ocalan, do território da Síria. Ademais, o acordo propõe cooperação mútua em não se envolver com atividades militares que coloquem em risco a segurança um do outro. Embora o acordo citado ainda esteja em vigor, o início da guerra na Síria em 2011 fez com que a Turquia buscasse a deposição do presidente Bashar al-Assad, fragilizando severamente os laços diplomáticos entre ambos os Estados.

Essa oposição turca ao regime sírio, somada ao apoio do país aos movimentos rebeldes em forma de investimentos e abertura de fronteiras, colaborou para que o Estado turco se tornasse o país que mais acolhe refugiados no mundo. Até o início de 2022, comitês da ONU, como o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, estimam que há mais de 3,7 milhões de refugiados sírios na Turquia. Essa quantidade de imigrantes chegando ao país — além da tendência de os expatriados seguirem para os centros urbanos, em alternativa ao estabelecimento em centros temporários para refugiados — gera consequências ao Estado turco, como superpopulação em algumas cidades, ascensão da xenofobia, aumento da crise econômica e da pobreza extrema.

Recentemente, o governo turco admitiu que um acordo de paz que encerrasse a guerra sem a presença de Assad seria quase impossível. O presidente da Turquia, Recep Erdogan, reportou em agosto de 2022 que não é prudente descartar o diálogo com a Síria, além de afirmar que deveria avançar alguns passos na interação com o país vizinho. A Rússia, potência que mantém relações com Síria e Turquia, apoia a interação entre ambos, e se dispôs a mediar e organizar uma reunião entre ministros dos dois Estados.

Estudos indicam que há um desejo no avanço do contato entre os dois países desde 2016, quando a Turquia, a fim de intensificar o apoio dos eleitores nacionalistas e consolidar seu poder, substituiu a prioridade de atacar e acabar com o regime de Assad para combater o PKK, localizado no nordeste sírio; por isso, uma aproximação com o líder do regime sírio é necessária. Segundo Gonul Tol, diretor de um centro de pesquisas no Oriente Médio para Estudos da Turquia, “existia uma compreensão tática entre os dois; enquanto Erdogan ataca os curdos, Assad olha para o outro lado”.

5.4. República Islâmica do Irã

As relações entre a República Islâmica do Irã e a Síria se iniciaram após a Revolução Iraniana, em 1979. Desde seu início, essas relações foram marcadas pela forte afinidade ideológica e religiosa entre as nações, além do apoio recíproco em conflitos. A república iraniana é uma grande aliada do governo de Bashar al-Assad, intervindo na Guerra Civil Síria a favor do líder do governo e defendendo-o politicamente, apesar de reconhecer que o governante foi responsável pelos crimes com armas químicas.

Ao envolver-se na guerra, o Irã buscou diferentes abordagens para impor seu poder em meio às nações. Em apoio a Bashar al-Assad, o Estado iraniano recrutou diversas milícias, estrangeiras e locais, e empresas de segurança para que se aliassem às forças armadas do governo e aumentassem seu poder bélico. Além de realizar recrutamentos externos, o Irã também investiu bastante no exército sírio, tanto com armamentos quanto com pessoas e suprimentos. As principais motivações para fornecer tamanho apoio foram a forte aliança com o regime al-Assad e a intenção de garantir sua imposição no território sírio e a proteção contra intervenções israelenses e estadunidenses. Seu envolvimento no conflito tornou-se crucial para o sucesso do atual líder sírio, garantindo-lhe a capacidade de manter-se batalhando e reconquistar regiões perdidas para os rebeldes, como Aleppo.

5.5. República do Líbano

A República do Líbano e a Síria mantiveram interações internacionais que divergiam das convenções de uma relação igualitária, realizando acordos diplomáticos mutuamente benéficos a partir de 2008. Ainda assim, por serem países fronteiriços, ambos mantêm relações, causam impactos e intervêm entre si, como a intromissão síria na Guerra Civil Libanesa. Apesar de suas relações diplomáticas, o Líbano posicionou-se pela neutralidade ante o conflito civil sírio.

Entretanto, mesmo com o governo libanês se afastando da Guerra Síria, o Hezbollah do Líbano é favorável a Bashar al-Assad, devido à aliança deste grupo com o Irã, que o torna dependente e, portanto, tendencioso a apoiar o governante sírio. Essa contradição na política libanesa gerou polarização entre os partidos locais, desestabilizou a política de neutralidade adotada e também incitou revoltas dos cidadãos, insatisfeitos com o envolvimento na Síria.

O Hezbollah fornece soldados e armamentos, além de oferecer ampla experiência em conflitos armados, garantindo importante papel na liderança do exército sírio. Ademais, devido à proximidade geográfica entre o Líbano e a Síria, o grupo político é capaz de formar redes e rotas de contrabando para facilitar e garantir a chegada de armas e insumos no território sírio.

BIBLIOGRAFIA

<https://drive.google.com/file/d/19UYDOKKzlk4JxhFy7NNhhirbpjFDtXB8/view?usp=drivesdk> - Acessado em 11 de janeiro de 2023

<https://www.thoughtco.com/how-sarin-gas-works-609278> - Acessado em 11 de janeiro de 2023

<https://esquadraodoconhecimento.wordpress.com/ciencias-da-natureza/quim/armas-quimicas/> - Acessado em 11 de janeiro de 2023

<https://www.politize.com.br/armas-quimicas-por-que-sao-proibidas/> - Acessado em 12 de janeiro de 2023

https://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/gestor/homepage/outros-destaques/copa-do-mundo-plano-operativo/agentes_nervosos.pdf?attach=true - Acessado em 12 de janeiro de 2023

<https://www.britannica.com/event/Tokyo-subway-attack-of-1995> - Acessado em 12 de janeiro de 2023

<https://www.history.com/this-day-in-history/tokyo-subways-are-attacked-with-sarin-gas> - Acessado em 12 de janeiro de 2023

<https://www.britannica.com/event/Chemical-Weapons-Convention> - Acessado em 13 de janeiro de 2023

<https://ihl-databases.icrc.org/pt/ihl-treaties/cwc-1993?activeTab=undefined> - Acessado em 13 de janeiro de 2023

<https://relacoesexteriores.com.br/assinatura-convencao-armas-quimicas/> - Acessado em 13 de janeiro de 2023

https://www.educabras.com/media/emtudo_img/upload/_img/20110413_125343.gif - Acessado em 13 de janeiro de 2023

<https://www.infoescola.com/historia/convencoes-de-genebra/> - Acessado em 16 de janeiro de 2023

<https://ihl-databases.icrc.org/en/ihl-treaties/apii-1977> - Acessado em 16 de janeiro de 2023

<https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm> - Acessado em 16 de janeiro de 2023

<https://www.google.com/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/geografia/siria.htm> - Acessado em 16 de janeiro de 2023

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Cerco_de_Ghoutha_Oriental - Acessado em 16 de janeiro de 2023

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45816458> - Acessado em 16 de janeiro de 2023

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-na-siria.htm> - Acessado em 17 de janeiro de 2023

<https://www.unhcr.org/refugee-statistics/> - Acessado em 19 de janeiro de 2023

<https://www.britannica.com/event/Syrian-Civil-War/Civil-war> - Acessado em 19 de janeiro de 2023

<https://www.unrefugees.org/emergencies/syria/> - Acessado em 19 de janeiro de 2023

<https://www.concernusa.org/story/which-countries-take-in-the-most-refugees/> - Acessado em 19 de janeiro de 2023

- <https://www.britannica.com/event/Arab-Spring> - Acessado em 19 de janeiro de 2023
- https://www.youtube.com/watch?v=IE5_2JvuSPw - Acessado em 19 de janeiro de 2023
- <https://www.youtube.com/watch?v=eTBRe2FtvC8&t=629s> - Acessado em 19 de janeiro de 2023
- <https://www.youtube.com/watch?v=JFpanWNgfQY> - Acessado em 19 de janeiro de 2023
- <https://www.acnur.org/portugues/siria/> - Acessado em 19 de janeiro de 2023
- <https://www.bbc.com/news/10338256> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.middleeastmonitor.com/20200717-remembering-bashar-al-assad-becoming-president-of-syria/> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-34709235> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://rmgeografia.wordpress.com/2018/03/18/siria-ghouta-oriental-a-bola-da-vez-leitura-indispensavel-atualidades/> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <http://www.guiageo.com/asia/siria.htm> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://english.enabbaladi.net/archives/2022/09/syria-on-the-cusp-of-hyperinflation-economists/#:~:text=According%20to%20econometric%20models%2C%20Syria%27s,and%209.80%20percent%20in%202023> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.xe.com/pt/currencyconverter/convert/?Amount=1&From=SYP&To=USD> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://tradingeconomics.com/syria/news> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://news.un.org/en/story/2022/12/1131912> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.worldbank.org/en/country/syria/overview> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.heritage.org/index/country/syria> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.britannica.com/place/Syria/Economy> - Acessado em 20 de janeiro de 2023
- <https://www.middleeastmonitor.com/20220810-report-turkiyes-erdogan-syrias-assad-likely-to-speak-over-phone/> - Acessado em 21 de janeiro de 2023
- <https://www.opcw.org/chemical-weapons-convention> - Acessado em 21 de janeiro de 2023
- https://en.wikipedia.org/wiki/Use_of_chemical_weapons_in_the_Syrian_civil_war#:~:text=Investigation%20conducted%20by%20Dr.,attacks%20to%20the%20ass%20regime. - Acessado em 22 de janeiro de 2023
- <https://conflictandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13031-018-0150-4> - Acessado em 22 de janeiro de 2023
- <https://ihl-databases.icrc.org/en/ihl-treaties/gci-1949/article-3> - Acessado em 22 de janeiro de 2023
- <https://www.arab-reform.net/publication/the-environmental-impact-of-syrias-conflict-a-preliminary-survey-of-issues/> - Acessado em 23 de janeiro de 2023
- <https://www.nytimes.com/2017/04/06/world/middleeast/us-said-to-weigh-military-responses-to-syrian-chemical-attack.html> - Acessado em 23 de janeiro de 2023
- <https://creergeneva.com/2022/01/20/syrian-russian-relations-the-reasons-of-russias-current-foreign-policy-in-syria/> - Acessado em 24 de janeiro de 2023.
- <https://tass.ru/info/4912350> - Acessado em 24 de janeiro de 2023.

<https://www.aljazeera.com/news/2019/10/23/analysis-what-does-the-adana-deal-mean-for-turkey-and-syria> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.euronews.com/2015/07/28/syria-and-turkey---a-history-of-the-relationship> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.unav.edu/web/global-affairs/detalle/-/blogs/shifting-sands-the-changing-priorities-of-turkey-in-syria> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.voanews.com/a/turkey-signals-possible-rapprochement-with-syria-/6763615.html> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/factbox-iranian-influence-and-presence-in-syria/> - Acessado em 27 de janeiro de 2023

<https://www.idf.il/en/mini-sites/iran/the-history-of-iran-in-syria/> - Acessado em 27 de janeiro de 2023

https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/hezbollahs-role-in-syrian-war-drives-sectarian-tension-in-lebanon/2013/04/27/942ae1ac-ae5c-11e2-a986-eec837b1888b_story.html - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://arabcenterdc.org/resource/lebanons-other-problem-neutrality-in-regional-affairs/> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.theguardian.com/world/2008/oct/14/syria-lebanon> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.infoescola.com/historia/hezbollah/> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.aljazeera.com/news/2023/1/27/opcw-blames-syria-government-forces-for-2018-douma-chlorine-gas-attack> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.iwm.org.uk/history/what-is-the-free-syrian-army> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.statista.com/statistics/971239/life-expectancy-at-birth-in-syria-by-gender/> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

ESTUDO EXTERNO

<https://www.unav.edu/web/global-affairs/detalle/-/blogs/shifting-sands-the-changing-priorities-of-turkey-in-syria> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://syria.liveuamap.com/en/2023/22-january-the-ministry-of-information-of-the-assad-government> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.wilsoncenter.org/article/timeline-the-rise-spread-and-fall-the-islamic-state> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://conflictandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13031-018-0150-4> - Acessado em 25 de janeiro de 2023

<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-45586903> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.aljazeera.com/news/2023/1/27/opcw-blames-syria-government-forces-for-2018-douma-chlorine-gas-attack> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.stimson.org/2022/regional-consequences-of-the-syrian-conflict-on-lebanon-jordan-and-iraq/> - Acessado em 29 de janeiro de 2023

<https://www.britannica.com/event/Syrian-Civil-War> - Acessado em 29 de janeiro de 2023



POLIONU

Várias ideias, um só mundo

AHIEA

CDH

COP

CSNU

ECOSOC

OPAQ

TPI

UNCTAD

UNESCO

UNICEF

UNODC

**Central de
Imprensa**

Patrocínio:

Promover
FORMATURAS



Realização:

Poliedro
Colégio